

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicações e Artes

Introdução a Museologia

Professor Martin Grossmann

João Lorandi Demarchi, nº USP 8629840

Relato Crítico 2

A partir das palestras “O Museu e a Condição Humana: o horizonte sensorial”, “O que Deve Acontecer Quando Você Sai do Museu?”, “Os Tempos que Há no Tempo” e “O Museu da Língua Portuguesa”; respectivamente proferidas por Ulpiano de Meneses, Jorge Melguizo, Mia Couto e José Wisnik tentaremos traçar paralelos e levantar questões, como eles mesmo propõem que seja o papel do museu.

A variedade de especializações dos palestrantes emula a interdisciplinaridade que o museu abarca e as múltiplas narrativas que o museu deve ter e que devem produzir museus diversos – como nos apresenta Melguizo. Cada um abordado o mesmo tema sob óticas diferentes. Um brasileiro historiador e arqueólogo, um moçambicano poeta e cientista, um colombiano político e comunicador e um outro brasileiro letrista compõem este nosso rol.

Os quatro palestrantes possuem um discurso progressista e indicam temas da Nova Museologia. Falam em democratização do acesso ao museu, da apropriação das narrativas de diversos setores por museus e da apropriação da narrativa dos museus por diversos setores, do caráter educativo que o museu deve ter caindo na ideologia desenvolvida por Paulo Freire de prática libertaria e politizadora.

O museu como a arte são políticos! E política é o campo dos conflitos. Portanto, dentro do museu deve-se apresentar essa multiplicidade de conflitos e de agentes sociais. Segundo Melguizo, os graviteiros devem estar nos museus, assim como as outras camadas sociais que são excluídas por aqueles eruditos curadores

que alijam a cultura, dita, popular. E é contra os curadores que ele fala, contra os que sacralizam a curadoria e a alienam do entorno do museu: se encerram no seu acervo.

O museu tradicional está em crise. Os quatro palestrantes reconhecem isso. Bourdieu em “O Amor pela Arte” já dizia que os museus só é apropriado pelos cultos, pelos que tiveram uma educação preparatória para isso. E nessas palestras o que vemos é a proposta de se fazer um movimento inverso: democratizar o museu. O museu tradicional é majoritariamente frequentado pelos, ditos, cultos porque reproduz as narrativas dessa camada, é feito por e para esta camada. E se subvertermos esta lógica teremos um museu, arrisco dizer, melhor: um museu que conte várias histórias da mesma História, que proponha mais perguntas do que nos dê respostas e que desconstrua sua própria sacralização.

Afinal o museu deve ser uma local de transformação social, de acesso garantido (gratuito) para que as pessoas retornem e se apropriem dele. Mas para isso elas devem se ver nos museus.

Partindo da premissa que existe uma diversidade cultural, segundo Couto, essa mesma diversidade deve promover diversos tipos de museus, deve propor concepções diferentes. Deve-se evitar a já dita sacralização e a elitização, trazendo para si uma identidade viva e com alma, como é a própria sociedade.

O que deve acontecer quando você sai do museu?

Primeiro, o museu deve ser familiar a cada sociedade para que as pessoas se adentrem a ele. Já dentro do museu, o projeto curatorial deve ser educativo e inclusivo. Proporcione a reflexão. Para - assim quando sair - a pessoa esteja instigada, com incertezas e, dessa forma, entenda a multiplicidade de narrativas possíveis e a complexidade da condição humana.

Como Wisnik propôs que fosse a Praça da Língua, e ele mesmo admite que o projeto não seguiu o caminho proposto, o museu deve apresentar a dinâmica das coisas que são produzidas pela sociedade. No caso dele, a palavra é o objeto e a partir dos módulos que ele criou, aquele espaço teria um caráter de formação continuada para professores. Mas os módulos nunca mais foram reformulados, tornando estático aquilo que está em constante movimento.

É nisso que o museu deve mudar: apresentar a dinâmica social. Para isso é importante que a curadoria não seja sacralizada e não esteja dissociada da sociedade. O museu é um produto social e as coisas que estão dentro dele também. Como nos diz Meneses, não podemos separar matéria e espírito. A cultura imaterial se cristaliza em materialidades. O que está dentro do museu tem um espírito, faz parte de uma “memória experiencial”, mas o museu tradicional o transforma numa “memória textual” que, além de já ser por si uma representação e imagem de uma memória, não propicia uma reflexão: nos é imposto como verdade absoluta e como a história.

Devemos, pois, sair do museu diferente de como entramos, mais incertos.